

# O Progresso Catholico

...sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

ID. 13. 14.



BOA ESCHOLA

SUMMARIO: Secção Religiosa: *Gottas de balsamo*.—Secção Critica: *Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal*, pelo Padre J. A. R.; *Signaes ou symptomas mais communs por onde se pôde conhecer se um livro, periodico ou pessoa estão atacados ou sómente se resentem do Liberalismo*, por A.; *França*, por D. Antonio d'Almeida; *Padre Agostinho de Montefeltro*.—Secção Illustrada, por R.—Secção Necrológica, por D. P.—Secção Litteraria: *Saudação*, por Humilde camponeza; *Saudemos a Virgem*, por C. de C.—Retrospecto, por F.—Variedades: *O segredo da confissão*.

GRUVURUS: *Boa escola; Vista de Napoles.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Gottas de balsamo

**N**ão vos entregueis jamais á vingança; repelli de vosso coração o menor desejo d'ella. Mostrai-vos sempre affaveis, bondosos, compassivos com aquelles que vos maltraciam; de inimigos os tornareis amigos. Demais, considerando na multidão de vossos peccados, lembrai-vos que Deus vos não perdoará sem que perdoeis tambem. O que procura vingar-se, diz o Espirito Sancto, incorrerá na vingança do Senhor (1).

Avise-vos a historia seguinte de quanto perigo vai em admittir sentimentos de rancor e odio contra o proximo. Viviam em Antiochia Nicéphoro e Saprício, que era sacerdote, unidos por amizade tam íntima, que pareciam irmãos. Entre os dois jamais se havia manifestado sombra de desgosto. Aconteceu porém que chegaram a desavirse, seguindo-se uma guerra declarada a tam longo tempo de amizade exemplar. Nicéphoro, tocado da mão de Deus, reconsiderou, e em diligencia de obter a paz, implorou a seus amigos procurassem Saprício e em seu nome lhe supplicassem perdão da falta commettida. Saprício, porém, recebeu-os renitente e não quiz perdoar. Por varias vezes voltou Nicéphoro a mandar seus amigos, mas não colhendo resultado, decidiu-se a ir elle mesmo. Procurou Saprício, lançou-se-lhe aos pés e rogou com lagrimas: «Perdôa-me em nome de Jesus Christo!»

Vão esforço! Saprício continuou inexoravel!

Sobreveiu porém n'este tempo uma perseguição, Saprício é preso como christão e levado á presença do juiz, onde se comporta com uma heroicidade admiravel, por cujo motivo o sentencaram á morte, devendo ser degollado. Saprício entregue aos algosz é levado ao supplicio. Sciente Nicéphoro do que se passava, sai-lhe ao encontro, e lançado a seus pés, exclama: *O martyr de Jesus Christo, perdôa-me, que delinqui contra ti!* Saprício nada responde e prosegue ávante. (2) Nicé-

phoro levanta-se, corre a outra rua onde Saprício ia passar, e apenas o viu, atravessa a multidão, prostra-se aos pés e repete: *Martyr de Christo, martyr de Christo! perdôa-me a offensa que pratiquei.*

Mas, implacavel ainda, aquelle homem não quiz perdoar. Nem sequerolveu olhos ao seu inimigo. Quaes as consequencias d'este indigno odio? E' que o Senhor das misericordias, que disse: «Perdoai, se quereis ser perdoado,» retirou sua graça ao miseravel Saprício e com ella a palma do martyrio. Chegado Saprício ao cadafalso, abandonou-o a coragem de morrer, e promptificou-se a render sacrificios aos ídolos pagãos!

Nicéphoro, ao vêr, maguado, a vergonhosa apostasia de Saprício, clamou em altas vozes que era christão, deusua vida por Jesus Christo e subiu ao céo a receber as tres corôas immortaes da fé, da humildade e do amor, das quaes Saprício se tornou indigno.

Rogai pois por todos os que vos offendem e vos querem mal; perdoai-lhes do fundo d'alma e implorai ao Senhor lhes conceda todas as graças que lhe sejam necessarias.

## SECÇÃO CRITICA

### Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal

(Continuação do n.º antecedente)

V

*Duas orientações—Philosophos e Sophistas—Destruição da religião revelada—Philosophismo de Kant—Critica da razão pura—Arsenal da impiedade.*

**P**ARA sondar a profundeza do mal hodierno e medir-lhe o alcance urge remontar á sua origem e ir seguindo os seus progressos, transformações e phazes diversas, como eslamoz fazendo; vê-se então que não é uma molestia leve, superficial e fortuita, mas sim uma enfermidade chronica, gravissima e profundamente inveterada.

Com Luthero levantou o orgulho hu-

mano o estandarte da revolta, e para logo ficou o mundo civilisado dividido em dous povos, movidos por tendencias e orientações diametralmente oppostas. Constituiram-se, no dizer do Rev. P.º Gratry (1), duas raças moraes e intellectuaes, que repartem o mundo entre si. Ha espiritos e corações que *affirmam* e ha-os que *negam*; aquelles porque amam e são humildes, e estes porque não amam e são soberbos. Já Platão fizera a seguinte observação que Leibnetiz acha admiravel. «O philosopho e o sophista caminham em direcção contraria; o primeiro ténde para o ser e o segundo para o nada, e ao passo que o philosopho vai sendo como que deslumbrado pelos fulgentissimos esplendores do ser supremo que contempla, o sophista, pelo contrario, é obsecado pelas trevas sempre mais densas do nada em que se precipita.»

Qual será porém o movel que impulsiona o sophista no seu deploravel intento?

E', como já vimos, o desejo da independencia absoluta; asigura-se-lhe que ficando livre de toda e qualquer peia, dominação e lei, encontrará a felicidade suprema e será *deus*; são as palavras seductoras da serpente, resoando ainda aos ouvidos dos mortaes imbecis: «Desobedecei e sereis como deuzes.» A' realisação d'este programma infernal oppõem-se a Igreja ou religião revelada, a recta razão e a consciencia do nosso nada perante a infinita magestade do Creador.

Torna-se evidentemente forçoso remover e destruir estes obstaculos para chegar á liberdade absoluta. Luthero e os seus sequazes cumpriram á risca a primeira parte do programma, podendo definir-se o Protestantismo a negação ou destruição de toda a religião revelada.

*Tota licet Babylon destruxit tecta Lutherus Muros Calvinus, sed fundamenta Socinus.*

quer dizer: Luthero destruiu o tecto da Igreja catholica, designada com o nome de Babylonia, e se Calvino lhe derrocou os muros, pôde Socino gloriar-se de lhe ter arrancado os fundamentos (2). Estes versos são o epitaphio posto no sepulchro de Fausto Socino,

(1) *La connaissance de Dieu—chez Doaniet et Lecoivre.*

(2) Segredo da Maçonaria por Mons. J. Favé pag. 15.

(1) Qui vindicari vult, a Domino inveniet vindictam (Ecel., XXXIV, 1.)

(2) Martyr Christi, ignosce mihi, si quid

peccavi ut homo—Sapricius ad hos ne verbulum quidem respondit. (Suntus, Acta Sanctorum.)

precursor dos deistas, fallecido em 1604, e demonstram-nos que volvido apenas um seculo, estava completo o destroço no campo da religião reformada; os discipulos de Luthero negaram a revelação no seu complexo: peccado original, encarnação, redempção, graça, inspiração divina da Biblia, divindade de Jesus-Christo etc... Foi este o primeiro tracto de caminho percorrido pelo erro. E' esta a primeira evolução da razão emancipada que se colloca assim n'uma região intellectual a que não chega nenhum raio de luz sobrenatural, e d'este modo se julga plenamente livre de todas as obrigações impostas pela religião revelada. E' o christão que destruindo, quanto coube em si, o ser divino e as virtudes theologaes, infundidas na alma pelo baptismo, se proclama pagão. Retroceder porém até os tempos ominosos da idolatria não é bastante para o renegado: *Abyssus, abyssum invocat*. Resta-lhe, illuminando frouxamente a região tenebrosa em que vive, a razão, depurada e engrandecida pelo christianismo, e esta razão, seu orgulho, seu idolo, é reflexo embora pallido da luz eterna, do Verbo divino, que allumia todo o homem que vem a este mundo, e como tal impõe á sua consciencia o conhecimento claro d'um Deus Creador, remunerador da virtude e vingador da maldade.

«*Si Dieu n'existait pas il fraudrait l'inventer.*» Se Deus não existisse fôra mister invental-o, disse Voltaire, o copripheu do deismo. Portanto o homem n'esta condição deve reconhecer um superior que, dictando-lhe uma lei imperiosa, restringe a sua liberdade e não poderá o homem chamar-se livre emquanto não tiver sacudido este jugo que a razão impõe á sua consciencia. E' esta a tarefa do *Philosophismo*, a que optimamente serve a definição seguinte: «O philosophismo é o processo sophistico que apaga na intelligencia humana a luz divina para que a consciencia não se amedronte com a idéa d'um Deus justiceiro.» A ultima conclusão do philosophismo é a negação das provas racionais da existencia de Deus, como se vê claramente na sua ultima evolução personificada em Kant, cujo livro «A Critica da razão pura» foi, segundo Heine, a espada de dous gumes que matou a recta razão e o deus dos deistas. Kant, sujeitando a razão a um inquerito minucioso, e prescrutando cuidadosamente todas as suas profundezas, concluiu que só poderiamos provar a nossa propria existencia e nada mais. «Eu existo e penso, dizia o philosopho de Kœnigsberg, logo não posso conhecer senão a minha existencia e o meu pensamento» todos os outros seres são uns simples *phenome-*

nos ou, melhor, *nomenos* problematicos, cuja existencia nem posso afirmar nem negar. Segundo Kant, pôde sustentarse com argumento de igual valor e força, que o mundo é eterno e infinito ou que é limitado no tempo e no espaço; que ha uma causa suprema e absolutamente livre ou que tudo obedece ás leis cegas e fataes da natureza; que existe um ser necessario ou que só ha seres contingentes. A estes resultados contradictorios dá-se o nome de *antinomias* da razão pura. O Deus que até aqui adorava o genero humano torna-se portanto uma pura hypothese.

Manuel Kant, escreve M. Henri Heine, foi um atletico demolidor no campo do pensamento, avantajando-se sobre modo em terrorismo a Maximiliano Robespierre. Se este degolou a um rei aquelle matou a um Deus! No seu furor implacavel, o allemão audacioso escalou o ceu e tomando-o de assalto passou á espada toda a guarnição. Vede prostrados inanimados os guardas nobres ontologicos, cosmologicos e physico-theologicos de Deus; este mesmo, privado de demonstração, jaz no proprio sangue; d'aquí em diante não ha nem misericordia nem justiça divinas, nem recompensa nem castigos pelos nossos actos; o ceu fica sendo um vácuo immenso e está agonizante a immortalidade da alma! Desde então desvaneceram-se como fumo os principios constituitivos da razão, as verdades necessarias e eternas, os principios de contradicção, de causalidade, de substancia e bem assim a distincção entre falso e verdadeiro, entre o bem e o mal, legitimidade das faculdades intellectuaes, os direitos da logica, a auctoridade da historia, o valor da consciencia e a existencia de Deus!

Morreu a recta razão e Deus com ella.

Esta noticia funebre ha de levar alguns seculos para vulgarisar-se por toda a parte; mas, emquanto a nós, já tomamos luto desde ha muito. *De profundis!* (1)

D'est'arte, tres seculos depois da reforma, um pensador protestante, applicando á metaphysica o principio do *livre exame*, aniquilou toda a philosophia, assim como Luthero destruiu pelo mesmo processo toda a religião revelada. Nem podia deixar de ser assim; o principio lutherano conduz fatalmente ao nihilismo em religião e em philosophia, assim na ordem politica como na ordem social; já nos primeiros tempos da reforma Melanchthon prevendo este resultado exclamára:

*Quales videbit mundus trajedias!*

(1) Henri Heine, *L'Allemagne*, pag. 159 etc.

Quam temerosos cataclismos ha de o mundo presenciar!

Mas, dirá alguém, que relação teem essas orgias philosophicas a que se entregaram os sonhadores allemães com as nossas coisas?

A esta objecção responderá por nós o insuspeito philosopho já citado, Henri Heine: «A philosophia allemã é negocio importantissimo que interessa a humanidade inteira, porque o pensamento precede a acção, da mesma forma que o relampago o estampido do trovão.» Desde a reforma a Allemanha protestante é o grande laboratorio e arsenal da impiedade. Os philosophos assim como os socialistas allemães, segundo Donoso Cortez escrevia em 1849, são gigantes junto dos quaes francezes e inglezes não passam d'uns pygmeus. Cumpre não ignorar que foi em Allemanha que Weishaupt deu á maçonaria no seculo passado a organização aperfeiçoada que a faz tam perigosa, e ainda hoje, consoante P. Rosen afirma na obra *l'Ennemie Sociale*, é em Berlim que reside o *directorio* supremo da seita maldita. Como Henri Heine o assevera e demonstra, está-se preparando em Allemanha um drama tam espantoso e terrivel que a revolução franceza apparecerá ao lado d'elle como um innocente idyllio. Nunca se ouviu na historia do mundo abalo tam assustador como o que então ha de relumbar. As aguias fulminadas cahirão das alturas, e os leões dos desertos mais remotos da Africa, transidos d'um terror panico, acotitar-se-ão nos seus antros reaes.» Sim a patria de Luthero, Kant, Hegel e Weishaupt e a familia dos Hohenzollern, cuja historia é a mais prodigiosa das historias, reservam ao mundo grandes surpresas.

(Continua)

P.\* J. A. R.



Signaes ou symptomas mais communs por onde se pôde conhecer se um livro, periodico ou pessoa, estão atacados ou sómente se resentem do Liberalismo.

N'esta variedade, ou melhor, confusão de matizes e meias tintas, que offerece a variegada familia do Liberalismo, haverá signaes ou notas caracteristicas com que distinguir facilmente o que é liberal do que o não é? Eis uma questão muito practica para o catholico de hoje, e que d'um modo ou d'outro o theologo moralista tem de resolver frequentemente.

Dividiremos, para este fim, os liberaes (sejam pessoas ou escriptos) em tres classes:

Liberaes avançados;

Liberaes moderados;

Liberaes imprópriamente ditos ou apenas eivados de Liberalismo.

Ensaíemos uma descripção semi-physiologica de cada um d'estes typos. E' estudo que não carece de interesse.

### 1.ª classe: Liberaes avançados.

O liberal avançado conhece-se desde logo, porque não tracta de negar nem encobrir sua maldade. E' inimigo formal do Papa e dos Padres e de toda a gente da Igreja; basta-lhe que qualquer coisa seja sagrada para excitar seu desenfreado rancor. Procura d'entre os periodicos os mais desbragados; vota entre os candidatos os mais abertamente impios; aceita seu funesto systema até ás ultimas consequencias. Faz gala de viver sem practica alguma de religião, e a muito custo a tolera em sua mulher e filhos. Costuma pertencer ás seitas secretas e morre geralmente sem socorros alguns da Igreja.

### 2.ª classe: Liberaes moderados

O liberal moderado ou manso, costuma ser tão máo como o primeiro, porém cuida bastante em não parecel-o. As boas formas e as conveniencias sociaes são tudo para elle; salvo este ponto, não lhe importa muito o resto. Incendiar um convento não lhe parece bem; apoderar-se do solar do convento incendiado é para elle cousa já mais regular e toleravel. Que um jornaleco, d'esses de bordel, venda suas blasphemias em prosa, verso ou gravura, a dez reis o exemplar, é um excesso que prohibiria e até lamenta que o não prohiba um governo conservador; porém, que se diga o mesmo inteiramente em phrases cultas, em um livro de boa impressão, ou em um drama de sonoros versos, sobre tudo se o auctor é academico ou cousa semelhante, já não offerece inconveniente. Ouvir falar em *clubs* dá-lhe calafrios e calor, porque alli, diz elle, se seduzem as *massas* e se subvertem os fundamentos de ordem social; porém, atheneus livres pôdem muito bem consentir-se, porque a discussão scientifica de todos os problemas sociaes, quem a ha de estranhar? Eschola sem catechismo é um insulto ao paiz catholico que a paga; porém Universidade catholica, isto é, com sujeição inteira ao catholicismo, quer dizer, ao criterio da fé, isso deve deixar-se para os tempos da Inquisição. O liberal manso não aborrece o Papa, e só não acha bem certas pretensões da *curia romana* e certos extremos do ultramontanismo que não condizem bem com as ideias de hoje. Gosta dos Padres, sobretudo dos illustrados, isto é, dos que pensam á moderna como elle; po-

rém, os fanaticos ou reaccionarios, evita-os ou lastima-os. Vai á Igreja e recebe até os Sacramentos; porém a sua maxima é que na Igreja se deve viver como christão, mas fóra d'ella convém viver com o seculo em que se nasceu e não se obstinar em remar contra a corrente. Vive assim entre duas aguas, costuma morrer com o sacerdote ao lado, porém com a livraria cheia de livros prohibidos.

### 3.ª classe: Eivados de Liberalismo

O catholico simplesmente eivado de Liberalismo conhece-se em que, sendo homem de bem e de praticas sinceramente religiosas, respira todavia Liberalismo, falando ou escrevendo, ou trazendo-o entre mãos. Poderia dizer a seu modo, como M.<sup>me</sup> Sevigné: «Não sou a rosa, mas estive junto d'ella e tomei algo do seu perfume». O verdadeiramente eivado discorre, fala e obra como liberal devéras, sem que elle mesmo, o pobresinho, o deixe de ser. O seu forte é a *caridade*; este homem é a caridade em pessoa. Como aborrece as exagerações da imprensa ultramontana! Chamar máo a um homem que difunde más ideias, parece a este singular theologo um peccado contra o Espírito Santo. Para elle não ha mais que extraviados. Não se deve resistir nem combater: o que se deve procurar sempre é atrahir. «Afogar o mal com a abundancia do bem» é a sua formula favorita, que leu um dia em Balmes por casualidade e foi a unica cousa que do grande philosopho catalão lhe ficou na memoria. Do Evangelho adduz unicamente os textos que sabem a mel e assucar. As invectivas espantosas contra o pharisaismo dir-se hia que as tem por excessos de genio e de zelo do divino Salvador; apesar de que sabe usal-as, elle mesmo, rijamente, contra os irritaveis ultramontanos, que com suas exagerações compromettem cada dia a causa d'uma religião que é toda paz e amor. Contra estes é acerbo e duro o verdadeiro eivado, contra estes é amargo o seu zelo, acre a sua polemica, aggressiva a sua caridade.

A respeito d'elle exclamou o Padre Felix, n'um discurso celebre, a proposito das accusações de que era objecto a pessoa do grande Veuillot: «Senhores, amemos e respeitemos até os nossos inimigos». Mas não; o verdadeiro eivado não faz assim: guarda todos os seus thesouros de tolerancia e de caridade liberal para os inimigos jurados da sua fé. E' claro, que outro meio tem o infeliz de os atrahir! Em troca, só tem o sarcasmo e a intolerancia cruel para seus mais heroicos defensores. Em summa, ao verdadeiro eivado não entra na cabeça aquella opposição *per diame-*

*trum*, de que fala S. Ignacio em seus exercicios espirituaes. Não conhece outra tactica senão a de atacar de lado, que em religião costuma ser a mais commoda, porém não a mais decisiva. Bem quizera elle vencer, porém a troco de não ferir o inimigo, nem causar-lhe mortificação ou enfado. O nome de guerra irrita-lhe os nervos, mas accomoda-se a elle a pacifica discussão. Está pelos circulos liberaes, onde se discursa e delibera mais do que pelas Associações ultramontanas, onde se dogmatiza e censura. N'uma palavra, se por seus fructos se conhece o liberal fero ou manso, por suas afeições se distinguirá, principalmente, o eivado de Liberalismo.

\* \* \*

Por estes traços mal delineados, que não chegam a desenho ou esboço, e muito menos a verdadeiro e perfeito retracto, será facil conhecer immediatamente qualquer dos typos da familia em suas diversas gradações.

Resumindo em poucas palavras os traços mais caracteristicos de sua respectiva physionomia, diremos: o liberal avançado ruge com o seu Liberalismo; o liberal moderado perora; o pobre eivado suspira e faz lamuria.

Todos são máos, como dizia de seus paes aquelle velhaquete da fabula; porém ao primeiro paralysa-o muitas vezes seu proprio furor; ao terceiro a sua condição hybrida, de si infecunda e esteril. O segundo é o *typpo satânico*, por excellencia, o que em nossos tempos produz o verdadeiro estrago liberal.

\* \* \*

As palavras que ahi ficam, são extrahidas d'uma obra importantissima — *O Liberalismo é peccado*, do illustrado theologo hespanhol D. Felix Sardá y Salvani. Esta obra, soffrendo a prova de vivissima aggressão por parte da imprensa da nação visinha, foi denunciada á Sagrada Congregação do Index com repetida instancia. Os adversarios do virtuoso presbytero barcelonense, na frente dos quaes avultava o Dr. Pazos, Deão da cathedral de Tortosa, aguardavam anceosos uma condemnação formal. Mas não lhes succedeu como cuidavam: a obra de Sardá foi julgada como *nada contendo contra a sã doutrina, e seu auctor considerado merecedor do maior elogio por defender a verdade com argumentos solidos, ordem e clareza, sem offender pessoa alguma*.

A obra tem sido traduzida em varias linguas. (1) A versão italiana foi apres-

(1) Para portuguez foi vertida pelo Dr. P.<sup>o</sup> Mathews Xavier e editada pelo sr. Reis Leitão—Coimbra. Custa apenas 200 reis.

sada para satisfazer ao desejo do Sancto Padre que mostrou especial agrado de tam completo e lucido trabalho, e quando Sardá foi a Roma, n'uma peregrinação hespanhola, distinguio-o Sua Sanctidade com singularissima attenção e deferencia paternal.

Sirva isto para mostrar o conceito de que é merecedora uma obra que devêra andar nas mãos de todos. Visto que a questão do Liberalismo ainda é escura para muitos, ahí está onde estudal-a, em breve tempo, com facilidade, e modica despeza. Ha outras obras notabilissimas em portuguez; a mais manual porém é esta que indicamos.

D'ella se veja qual é a imprensa liberal impia, qual a imprensa liberal não-impia.

A.

## França

⑧ *Codigo-Napoleão* não deu felicidade á França no essencial de um codigo-civil; e os codigos modernissimos, inspirando-se n'aquelle codigo, não podiam ser de melhores effeitos. Tomeinos em especial, e em breves linhas do *Codigo-Napoleão*, as suas consequencias relativas á *continuidade da familia e á divisão successiva da propriedade*. A *continuidade da familia* tem um valor de grande importancia moral e economica. A herança das boas tradições, acompanhando a *continuidade da familia*, influe poderosamente na moralidade dos povos. A Inglaterra e uma parte da Allemanha, estando ha trescentos annos sob uma legislação protestante, teem, não obstante, guardado respeito á *continuidade da familia e sustentação da propriedade*. Nem a Grã Bretanha nem a Germania acceitaram o *Codigo-Napoleão*. Estando de visita em Londres Sua Magestade Sarda Victor Manuel, perguntou este Principe a Lord Palmerston: «Porque não é introduzido na Inglaterra o *Codigo-Napoleão*?» Lord Palmerston sorriu-se com critica. De Londres trouxemos a noticia de esta passagem. Nas duas grandes regiões, que acabamos de nomear, subsiste a *continuidade da familia*, por isso que contra esta não pode prevalecer a influencia destruidora de ella pelo *Codigo-Napoleão*. A *continuidade da familia* está ligada a *continuidade da propriedade*, o que não quer dizer a immobilisação absoluta d'esta. Seria um absurdo sustentar que a *propriedade é absolutamente immovel*, como é absurdo querer pô-la em motu-continuo, a que dá logar o *Codigo-Napoleão*, e tanto o tem dado que os clamores em França são bem ouvidos a tal respeito! O rico divide

por 10, estes por 20, a vintena por 40, e logo ou para depois nem fortuna nem familia. Os pobres tambem vivem, por isso que Deus lhes constituiu o *morgadio* em Sua Divina Providencia! Nós, porém, n'este discorrer, sem nos afastarmos de Deus, estamos encarando a questão debaixo do ponto de vista *familio economico*. Nota-se, e muito ha sido repetida a nota, que a França decresce em numero de almas, e ainda ha pouco li um recente e consciencioso trabalho francez, no qual era asseverado aquelle alludido decrescimento, do que não teem responsabilidade os francezes catholicos practicos. Os desregramentos de vária especie, e n'elles comprehendidas as *illegitimidades*, para aquelle resultado concorrem *poderosamente*; porém, occupando nos particularmente, agora, como dissemos, do *quid* familio-economico, passamos adiante.

As familias crescem na razão directa da sua moralidade e do seu bem-estar economico; o numero dos francezes degenerados não formam maioria em França, mas tambem não são só dous ou tres; isto pela parte moral. Pela parte economica, a *familia* não pôde crescer e hade diminuir quando, proprietaria, a propriedade sendo grande for progressivamente dividida; e sendo pequena, em duas gerações será quasi nulla ou mesmo nulla, ao que tem levado e continúa a levar o *Codigo-Napoleão* e seus sustentadores, não escapando á machina divisora nem um quintal para meia duzia de couves. Tal continua divisão, o tão pouco dividido, suscita um pensamento horroroso, que se tem observado ser posto em practica por um calculo prohibido pela Lei Natural e pela Lei Positiva, sendo de ambas Legislador Deus! Um Dictador, que poderia ter feito mais bem do que fez, e evitado mais males do que evitou, deu seu nome ao *Codigo*, a que temos alludido e em força do qual a França vê diminuir seu numero de almas. Vai lá seguindo sempre a *descontinuidade da familia pela divisão sem cessar da propriedade*.

A proposito de propriedade digamos alguma cousa sobre a divisão da propriedade em Portugal. Antes das leis sacrilegas contra a propriedade da Igreja, as injustas contra *capellas e morgados*, e as loucas relativas a fóros e emphiteuse, n'esta monarchia lusitana; antes de tão nefasta desorganisação não havia paiz no mundo que tivesse melhor, mais harmonica, divisão de propriedade que Portugal, *intra transque mare*. Os legisladores modernos afrontaram os antigos, mas as consequencias reivindicaram-os! E continuam a reivindicar-os! Nos Estados-Pontificios o Pontífice-Soberano não

admittiu o *Codigo Napoleão* nem a influencia d'este, e o numero de seus habitantes crescia sempre como era provado pelas respectivas, exactas e bellas estatisticas, officialmente coordenadas, impressas e distribuidas; mui apreciadas e não menos pela repartição de estatistica do governo inglez, de cujas reciprocas relações a tal respeito quiz Deus fazer-me a graça de ser o instrumento, combinando-as entre os Eminentissimos Cardeaes Millesi e Di Pietro e o Doutor Farre. O Eminentissimo Millesi tinha sido como o Prefeito d'aquelle repartição pontificia, o Eminentissimo Di Pietro era-o então, e o Doutor Farre era o chefe da repartição de estatistica do governo inglez em Londres. Doutor Farre ignorava a existencia, e assim o classico, dos trabalhos pontificio-estatisticos, elle um entusiasta pela estatistica. Imagine-se sua grande surpresa! O *Codigo-Napoleão* não atravessou a Mancha, e o numero de almas cresce na Inglaterra e suas possessões. O *Codigo-Napoleão* não atravessou o Rheno e na Allemanha as familias e os nascimentos augmentam. Em Portugal ha na *Legislação* ou *corpo de leis* d'estes ultimos cincoenta annos, não um accentuado recebimento do *Codigo-Napoleão*, mas sim da influencia d'este: a não assegurada *continuidade da familia pela divisão continuamente excessiva da propriedade*, e é logico: que onde se dá a mesma causa são dados os mesmos effeitos.

O *progressivismo enredador* allega seus enredos, mas o sôpro de verdade redul-os celeremente a zero!

Dom Antonio de Almeida.

## Padre Agostinho de Montefeltro

(Continuado do n.º anterior)

E' porisso que a prégação do P. Agostinho produz os mesmos effeitos tanto nas cidades cultas, como no meio do povo simples dos campos; eis aqui porque a sua eloquencia arrebatava tanto o professor das academias como o pobre camponez.

«Ouvi prégar algumas vezes o P. Agostinho em uma terra de provincia, diz outro escriptor catholico. Não se encontravam alli os doutores de Bolonha e de Pisa, nem os elegantes e politicos de Roma: era um auditorio simples, uma multidão composta de pobre gente, vinda das aldeias e povoações visinhas; um povo immenso que se apinhava pela immensa esplanada, contentando-se a

maior parte de poder ver sómente de longe a pessoa do frade, de admirar o seu gesto, de ouvir confusamente o som da sua voz. E todos estavam alli silenciosos, não a ouvir, mas a communicar reciprocamente, d'um modo involuntario, aquelle fremito da fé que animava a turba ao sopro da palavra de Deus. Como era sublime n'aquelle logar o humilde franciscano! A sua voz reboava como uma onda harmoniosa, como uma musica etherea que agitava a alma, e tornava todos extaticos. Não era um homem que fallava, era um transfigurado; era um ser que cada um sentia mais alto, muito mais alto de si mesmo e de todas as vulgaridades que podem circumdar o homem, e que arrebatava o espirito a uma atmosphaera de pureza, de sublimidade, de luz, de fé. Quando no fim d'aquellas ondas de musica divina, o frade fugia rapidamente, reben-tavam os applausos e os clamores: o povo precipitava-se sobre elle, lançava-se de joelhos deante de seus passos, beijava-lhe o habito, o rosario, o cordão. Quando elle desaparecia, parecia ter passado por um sonho, sentiamos-nos como extranhos ao mundo e a todos os cuidados da vida; parecia ver sempre aquelle frade vestido de burel, ficava sempre diante da vista aquella figura sublime, como o circulo de ouro que se agita deante dos olhos deslumbrados pelo sol.» (1)

Sem duvida a Providencia enriqueceu o P. Agostinho de dons extraordinarios para cumprir o apostolado para o qual o chamou. Na sua figura austera e ao mesmo tempo suave ha alguma cousa de inexplicavel. As suas palavras e o seu gesto têm uma força, um accento de convicção, uma intimativa casada a uma doçura ineffavel, que subjugam o auditorio; ha na sua pessoa uma tal sympathia, que não só faz penetrar nos ouvidos as suas convicções pelo vigor da sua argumentação, mas enternece-os ao mesmo tempo pelo affecto que lhes inspira. Um ar suave e sorridente lhe illumina quasi sempre o semblante, de modo que inspira em todos uma confiança que se converte em familiaridade com os seus ouvidos. Algumas vezes, apesar de não ter ainda 50 annos de idade, o seu rosto é desbotado e pallido pelas immensas fadigas; mas não tarda a inflammarse quando começa a desenvolver os seus argumentos, e a empenhar a lucta com os inimigos da verdade, como se alli os estivesse a apertar no circulo invencivel d'uma dialectica terrivel. O immenso auditorio pende dos seus labios, e ninguem se move por uma hora inteira. É sublime em certos momentos, quando invoca a misericordia de Deus sobre os infelizes

que não crêem nas verdades da religião, ou quando conjura os incredulos para que abram os olhos ou os extraviados para que volvam ao recto caminho; parece então ver animado um anjo de Raphael: mas o Christo terrivel do *Juizo final* de Miguel Angelo apenas pode dar uma idea do seu semblante, quando fulmina os impios, os seductores do pobre povo, os blasphemadores do nome de Deus. «Quando o incita a confutação d'um erro, diz o citado escriptor, quando lhe vem aos labios o conforto d'uma esperanza christã, quando um hymno de fé lhe cummove a alma, então a sua face verdadeiramente se transfigura, seus olhos despedem relampagos, seu gesto desenvolve-se solemne e glorioso. Estando com os olhos fixos n'elle, parece que a sua figura resplandece, e esperase vel-o arrancar o crucifixo do pulpito, e descer com elle na mão, como S. Francisco e S. Bernardino, percorrer as ruas e as praças seguido por todo um povo, a prégar a fé, a paz, a renovação dos costumes. Porisso não é para admirar que o povo, acostumado a mostrar os seus enthusiasmos d'um modo clamoroso, rompa em aclamações, que aliás não seriam proprias da magestade do templo. Vi muitos, que não querendo applaudir, choravam.» (1)

(Continúa).

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Boa escola

(Vid. p. 97)

o ver-se no mundo o homem, naturalmente, espontaneamente se interroga sobre o fim que lhe cumpre realizar, o fim que Deus teve em vista trazendo-o do não-ser ao ser. Muitas vezes as paixões obliteram este pensamento e dão uma solução errada a um problema de tam singular alcance.

Os philosophos esmerilham, na congerie magna de suas observações, se o fim do homem será o interesse, o prazer ou a gloria, mas ha seis mil annos, a Igreja com uma auctoridade que vence todas as provas, uma luz que desfaz todas as sombras, um empenho que annulla toda a resistencia, uma constancia que desconhece interrupções, tem ensinado um fim mais nobre, mais excelso, mais consentaneo com a dignidade do homem, e esse fim é Deus.

Para o amar, para servir a Deus foi o homem feito.

Formado à sua imagem e simi-

lhança, sente em si um anseio insaciavel, um anhelito infinito, cuja satisfação apenas se encontra em Deus.

Para attingir este fim, auxiliou Deus o homem com a luz fulgente da razão e o apoio indefectivel da revelação. Se a razão, desdenhosamente soberba, se divorciou da revelação, foram incertos os seus passos, orlados de perigos os seus caminhos, tenebrosos os seus dias, impropicuos os seus trabalhos, conductor ao erro e á duvida o rumo perdido em que vogou. Oriente, Grecia, Alexandria, Roma, deram-nos escholas de grande nome sim, mas nome sómente. Nada mais fizeram que censurarem se mutuamente, em cujo proceder acertaram, visto como n'umas e outras pullulavam os erros, e erros taes, que assombra a adopção d'elles por cerebros tam privilegiados.

Nos *Livros Hermeticos* apenas de bom transluz o que lhes vem da Biblia. A philosophia grega, no oiro precioso de suas minas, revela a escoria de erros perigosos sobre as mais elevadas questões de metaphysica e moral. Em Roma a liberdade engendra a licença, o embate das opiniões, em vez de produzir a luz, leva á confusão, não dá tranquillidade aos espiritos, antes n'elles gera a descrença, o scepticismo. Por toda a parte o naturalismo, o anthropomorphismo, o fétichismo.

Pobres philosophos! Ninguem cria n'elles: a sua influencia frouxamente se manifestou no espirito das leis, e por nada a tiveram os costumes dos povos, que a quanto dizia o philosopho fallava o cunho veneravel da auctoridade.

Só ao povo escolhido tocou a posse da verdade, porque n'elle a razão se firmou na revelação. A luz sobrenatural clareou as sombras da luz natural. «Deus, diz o Apostolo, tendo falado muitas vezes e de muitos modos a nossos paes pelos prophetas, ultimamente nos falou por seu Filho.» (1)

Pela revelação descobre o homem o seu fim sobrenatural, sabendo-se partícipe dos bens divinos que excedem toda a intelligencia humana: pois «está escripto que nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, quanto Deus tem preparado para aquelles que o amam» (2). Com razão pois nos diz Lactancio que «quanto a philosophia nos não póde conceder, bem que a isso se propozesse, nol-o dá a doutrina de Deus, que é a verdade pura.»

O homem carece da verdade, elemento preponderante para o seu fim. Quem ha de pois ensinar-lh'a? Deus, sómente Deus, que se constitue Mestre indefectivel aos que anseiam ouvil-o.

(1) Heb., I, 1, 2.

(2) I Corint. II, 9.

(1) *Lega Lombarda, sup. d. 1.*

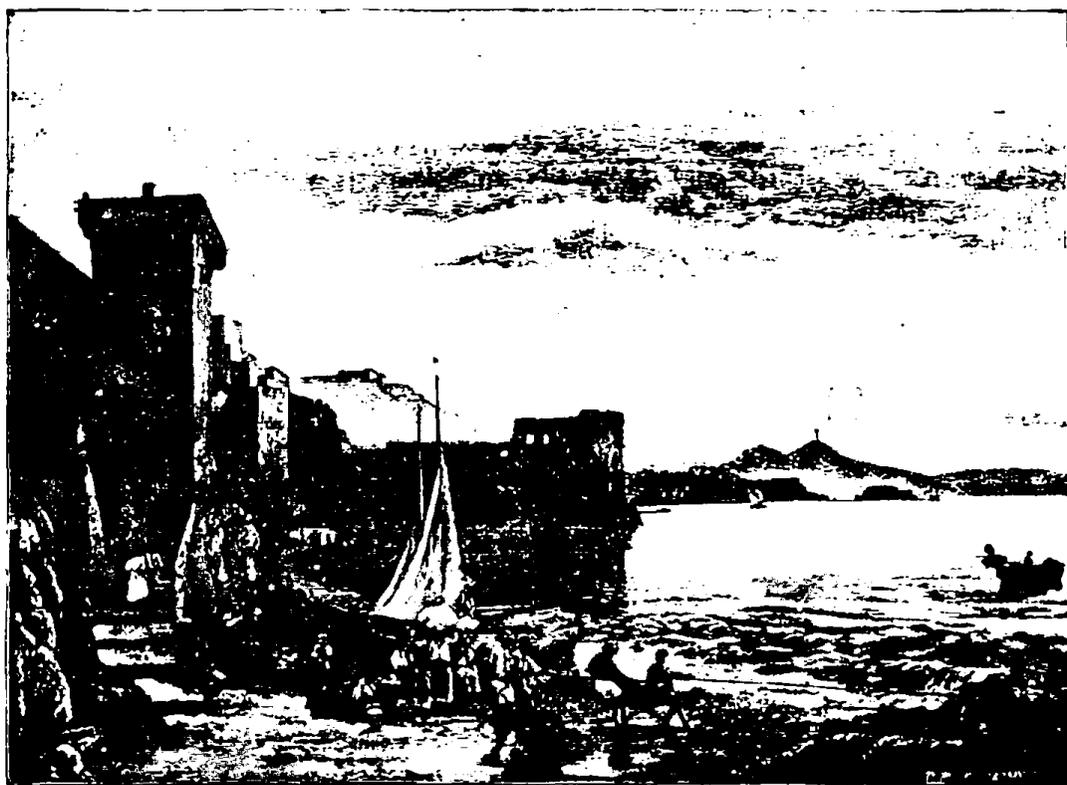
(1) *Lega Lombarda, sup. d. 2.*

Em frente d'esta divina auctoridade baqueia toda a discussão e o homem de fé vai sem desvio ao scopo de sua perfectibilidade, porque sabe achar-se em caminho onde não ha erro. Um evangelho assim instituido é quinhão que pertence a todos: o espirito mais rude, o operario em sua officina, o mendigo que perpassa de terra em terra, a creança a quem surprehende o

Muito ha que aprender no catecismo. «E', diz Mons. Dupanloup, um curso de philosophia e metaphysica, de admiravel profundeza e extrema simplicidade, de consulta facil para todos os sabios do mundo». Chama-lhe Donoso Cortez um systema completo de civilização, que tudo contem—a sciencia de Deus, do mundo e do homem. Bem comprehendia isto o impio Diderot,

vém do coração lhes causar dôres de cabeça, mas d'esta feita o coração de Littré não produziu transtorno cerebral n'um ponto de tam momentosa importancia.

Ensinai, ensinai pois o catecismo. Diffundi, se puderdes, ás mãos cheias entre o povo livrinhos onde se vejam compendiadas as verdades da nossa fé, e tereis feito uma obra de grande



VISTA DE NAPOLES

primeiro albor da razão, acha-se de posse de verdades que a habilitam à solução das mais importantes questões da vida, a qual nem de longe previram os talentos mais assombrosos que admiramos fóra da Igreja de Deus.

Vede a gravura. Aquelle mestre e aquelle discipulo, aquelle avô e aquelle neto, pelo estudo attento do catecismo, sabem melhor que Aristoteles, Pythagoras, Platão e Socrates, as grandes verdades da existencia de Deus e seus attributos, da origem do mundo, da criação e fim do homem.

quando surprehendido a ensinar o catecismo a sua filha, afirmou não conhecer outro livro que mais influisse para tornal-a feliz. Littré consentiu que a esposa doutrinasse christãmente um anjinho com que Deus os fadara, sob condição de o illucidar no systema da philosophia positiva quando julgasse a proposito. Findo que foi porém o praso do contracto, Littré renunciou aos seus intentos, convicto que as brumas de sua erudição iriam ensombrar o horizonte d'um ente a quem tributava affecto sincero. Os erros dos sabios pro-

consólo para o coração divino de Jesus. A crise que actualmente opprime as sociedades, não passará enquanto a religião não assumir o logar que lhe pertence, e para isso urge acudir sobretudo à infancia, d'onde emanarão os homens do futuro. Doutrinai, doutrinaí pois, doutrinaí sempre. O parochi na sua catechese, o professor na sua eschola, o pae e a mãe no lar domestico, podem e cremos venham a ser melhores obreiros do futuro que todos os mais impulsionadores do progresso.

Cuidai da infancia, acompanhai a ju-

ventude, e a causa do bem triumphará definitivamente. Assim como desde o berço começais a alindar os vossos filhos com enfeites variados, esmerai-vos tambem por alindar a sua alma, ornando-a com as verdades da nossa religião sanctissima. Inoculai dia a dia em seu coração o amor á virtude, o amor ao bem, o amor a Deus. Velai porque a sua primeira communhão seja uma festa esplendorosa para a terra e para o céu, e depois d'esse dia, que jamais deve esquecer, coroi vossa obra por meio de mais solidos ensinamentos, armando vossos filhos com as licções do catecismo de perseverança para as grandes luctas em que será provada a sua fé.

Vista de Napoles

(Vid. p. 103)

A esta formosa cidade, enlevo de todos os viajantes, se referiu o *Progresso Catholico* em o n.º 5 do anno XII. Em additamento ao que então se disse, lembraremos que a fundaram os gregos d'Eubéa. Teve o nome de *Parthenope*, e o por que actualmente é conhecida vem-lhe da colonia *Neapolis* que com *Paleopolis*, fundidas n'uma, deram origem a este verdadeiro paraíso do Mediterraneo, tam rico de bellezas que deu motivo ao proverbio—*ir a Napoles e morrer*. No anno de 327 antes de Christo, foi dominada pelos romanos, que d'ella fizeram uma estação de recreio. Tomada pelos ostrogodos, foi rehavida por Belisario, que, mandado á Persia, deu ensejo a que de novo caísse em poder dos conquistadores. Fez parte do imperio grego desde meado do seculo IV até ao IX. Em 1130 conquistaram-na os normandos, e feita, em 1268, capital das Duas Sicilias, seguiu a sorte d'este reino, achando-se agora, por usurpação de Victor Manuel, sob o poder do rei Humberto. Napoles foi tumulo de Virgilio e berço de Stacio, Velleio Paterculo, Lucas Giordano, Vico, Sannazar e Salvator Rosa, o grande pintor de batalhas e rei dos paisagistas.

O seu commercio, mais desinvolvido nos ultimos tempos pelo canal de Suez, é principalmente notavel em vinho, fructas, canhamo, linho, azeite, pelles, algodão, café, tabaco, assucar, e varios tecidos. Ha uma industria importante de porcellanas, faiança, sedas, massas, objectos de coral e imitações dos vasos turcos, gregos e romanos.

A gravura offerece aos leitores um delicado panorama da perola siciliana.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



EM Barcellos, na sua casa de Remelhe, falleceu, com talvez 70 annos de idade, o pae do digno Prelado de Moçambique D. Antonio de Sousa Barroso. Portuguez á antiga, ardia-lhe no peito a chamma candente d'uma intrepida fé, premiada na terra pela gloria d'um filho tam benemerito, e no céu com a palma destinada aos que jamais pospoem ás vaidades do mundo os preceitos rectos mas suaves do Evangelho.

Em Valdigem falleceu o nosso inolvidavel amigo, dr. Padre João Cardoso Ferreira Pontes, victima d'uma meningite tuberculosa, que em poucos dias o roubou, ainda no verdor dos annos, ao carinho extremoso dos seus. Era um character essencialmente bondoso, essencialmente christão, que punha peito decidido á empreza de semear o bem no campo de Deus, quando foi chamado ao repouso do céu.

Orai, leitores, por estes dois irmãos, que nos precederam na ultima viagem.  
D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

Saudação

Eu vos saúdo, magestosas serras,  
Montes e valles, verdejantes plagas!  
Doce mysterio que na gruta encerras  
Da tarde olores, harmonias vagas!

Eu vos saúdo, laranjaes floridos,  
Ribeiro manso que o luar pratea!  
Celestes lumes da amplidão cahidos,  
Frondeante ramo que pr'a Deus s'altea!

Eu vos saúdo, murmurosas aguas,  
Que meigas fallas segredais ás flores,  
Do peito triste minorando as maguas  
E o curtimento de profundas dores!

Eu vos saúdo a todos vós n'est'ancia,  
E, hoje, a mente n'esta augusta hora  
Relembra mais a minha doce infancia,  
Prazer suave que mính'alma adora.

Ah! que saudade n'este peito inferno  
Da pobre mãe que foi gentil e meiga,  
Amor divino que enflora o ermo,  
Matiz risonho que tapiza a veiga!

Oh! como sinto um turbilhão d'ideias  
Aqui sósinha contemplando os montes,  
Virentes cumes, crystallinas veias  
Ouvindo terno o sussurrar das fontes!

E' que hoje lembro com tristeza infinda  
Ridentes plainos, outro campo bello,  
Affectos puros, como a aurora linda,  
Como das aves o cantar singello.

E vós, perfumes de manhã festiva,  
Fulgente estrella de pallór formoso,  
Quebrai-me as peias porque sou captiva,  
Levai-me áquelle Portugal bondoso!

(Cabo Verde)

Humilde camponeza.



SAUDEMOS A VIRGEM

Quadras para cantar-se no estylo  
do Hymno de Lourdes  
offerecidas ao Muito Reverendo Senhor

PADRE ROONEY

Director do Collegio de Misionarios  
do Bom Despacho, em Cintra

Saudemos a Virgem  
Que n'esta collina  
Seu Rosto Divino  
Para nós inclina.

Ave! Ave!  
Ave Maria!  
Ave! Ave!  
Ave Maria!

Saudemos a Virgem,  
Na terra, no mar;  
A Sancta mais Sancta  
A Sancta sem par!

Ave!.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
Que é Mãe carinhosa;  
Rainha do Céu,  
A mystica Rosa!

Ave!.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
A nossa esperança;  
Do mundo no trilho,  
Melhor segurança.

Ave!.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
Do Céu a Rainha,  
Rainha do mundo,  
Dos homens Madrinha.

Ave!.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
Com porte devoto;  
De sempre adorai-A,  
Seja nosso voto.

Ave!.....

.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
Nossa Protectora;  
Da mancha medonha  
A co-redemptora!

Ave!.....

.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem,  
Pedindo, rogando  
Por mãos e por bons,  
Os mãos exhortando!

Ave!.....

.....  
.....  
.....

Saudemos a Virgem  
Com sancta alegria,  
Em cantos acórdes,  
De noite, de dia!

Ave! Ave!  
Ave Maria!  
Ave! Ave!  
Ave Maria!

C. de C.

## RETROSPECTO

### Chronica

*Portugal.*—Por muitos dias incitou a curiosidade dos politicos a crise ministerial. Por fim, depois de muito discutir, julgou-se não haver outro remedio que continuar tudo como estava, e foi bem entendido. Philippe II affirmava não ser occasião de mudar as mulas quando o carro estava no fundo d'um barranco. Os nossos ministros apegaram-se à opinião de Philippe II, não obstante ser um rei malquisto dos portuguezes.

A revolta de janeiro repercutiu na cabeça dos rapazes; e estes, na cidade do Porto, ora na Boa-Vista, ora no Seminario Velho, ora no Monte Pedral, dividiam-se em grupos e guerreavam-se, não a tiros de espingardas de repetição, mas à classica pedrada. Por vezes houve que intervir a força armada, que tendo de carregar, não só a garotada, mas tambem a populares que se lhe aggregavam, descarregou pranchada a valer e effectuou grande numero de prisões. Veja-se pois a força do exemplo e a grande responsabilidade de quem o dá perniciosamente. Muita gente vê na guerra dos rapazes, n'esta fronda da actualidade, uma força, que se esconde com mira a destruir

ainda mais o respeito à auctoridade, para dispôr campo a muita desordem. De certo que o presente não nos deixa esperar um futuro sereno.

No dia 15 effectuou-se uma tentativa de desembarque na Beira (Moçambique) por parte dos inglezes da South Africa. Constava o desembarque de armas e mantimentos, que não pagaram os respectivos direitos. Foram tomados os barcos de transporte, posta a gente em liberdade sem que houvesse conflicto. O telegrapho, de Londres, veiu declarar que lord Salisbury ia recorrer às armas; mas boato mais recente affirma que tudo por enquanto fica em paz, porque o rio Pungue vai ficar livre aos navios inglezes!

As tropas portuguezas foram derrotadas na Guiné em 19 do corrente. No combate morreram os capitães Joaquim Antonio do Carmo Azevedo e Heitor Alberto d'Azevedo, o tenente Jorge Lucena e o alferes José Honorato Moreira.

O tenente-coronel Fernando de Magalhães foi convidado para governador da Guiné, mas não accitou; offereceu-se porém a ir bater os rebeldes à frente dos condemnados na revolta do Porto, cuja pena findaria apenas entrassem em fogo. Se o ministro respectivo accetar a proposta do sr. Fernando de Magalhães, em lugar de punição é dada uma honra aos fautores da revolta, o que dará causa a sérias consequencias. Veremos o que faz o ministro.

No dia 22, à uma hora da madrugada, falleceu em Lisboa, no Hotel Atlantico, o gran-mestre da maçonaria portugueza, o coronel de engenheiros, José Elias Garcia. O enterramento do gran-mestre foi uma grande apothose. Bom era lh'a fizessem os Anjos no céu tam enlhorada e estrondosa como os lr.'. lh'a fizeram na terra: receamos porém que assim não fosse, visto não termos noticia de se haver congraçado com a Igreja, como seus antecessores duque de Loulé, conde de Paraty e outros.

Pelo contrario, o seu passamento deu ensejo a uma escandalosa manifestação maçonica e republicana. O cadaver levava as insignias da seita! A imprensa liberal fez distincta guarda d'honra ao magnate da trolha e do triangulo, e a municipalidade enviou os alumnos das suas escolas a darem realce ao acto. O senhor Cardeal Patriarcha, antecipadamente prevenido pela imprensa do character ostensivamente impio do enterramento, prohibiu quaesquer cerimoniaes proprias dos actos funebres.

Lisboa teve mais um escandalo; pois estejamos certos que Deus o não deixará impune.

*França.*—Quando o «Progresso Catholico» fôr percorrido pelos leitores, terão presenciado a Europa e a Ame-

rica as manifestações do 1.º de maio. Por toda a parte a subversão das massas e a vigilancia e repressão dos governos. culpados de tudo, por obstem a que o povo fosse educado na religião. A impiedade nas familias é o inferno na terra: vejam os governos o mal que fizeram em, por ser impios, dar tam nefasto exemplo. Por em quanto, as manifestações limitam-se a pedir diminuição de trabalho e augmento de salario; mas estas exigencias não soffrerão um dique. Em 1846 o tempo medio de trabalho era 12, 13, 14 e às vezes 15 horas diarias; pois em 1886 já o dia medio era de 10 horas. O salario, em 1846, termo medio, era de 70\$000 reis annuaes; em 1886 tinha subido já a 180\$000 reis! Aonde iremos parar? Os tam gabados progressos produziram esta desgraça: crearam-se necessidades, que os nossos avós nem conheciam, e agora não ha remedio senão alimentar-as. Em Paris tem havido grandes divergencias, separando-se os operarios em grandes aggrupamentos, o que diminuirá a imponencia das manifestações do 1.º de maio, se ainda n'aquelle dia se não acharem estabelecidas as pazes.

Por outro lado, a geração nova começa a revelar esperanças. Nas escolas nota-se desde ha algum tempo que a juventude, outr'ora tam leviana e futil, tam desprezadora de seus mais elementares deveres, volta publicamente à virtude. Por toda a parte, em Pariz, Lille, Bordéos, Marselha e Lyon, ha associações christãs para os jovens. Ha poucos dias, houve em Lyon uma assembléa geral d'estes mancebos cheios de vida e crenças, que durou tres dias, presidindo-lhes s. em.ª o Cardeal Fulon e discursando Monsenhor d'Hulst, actual conferente de Notre Dame, e o notavel campeão do catholicismo o Conde de Mun. Esta actividade da juventude, applicada ao bem, deve ser o inicio d'uma regeneração social.

Os catholicos do Norte proseguem animosamente no sentido da união, dispondo convenientemente as forças contra os aggressores communs. Adoptaram o seguinte programma: 1.º Liberdade da Igreja, principalmente das associações religiosas e conservação das Irmãs nos hospitaes; 2.º Repouso legal do domingo; 3.º Revisão da lei escolar e suppressão de quanto n'ella haja contrario à religião catholica e ao direito de familia; 4.º Reforma da lei, que a proposito de patriotismo mas no intuito de perseguir a Igreja, impoz ao clero o serviço militar; 5.º Legislação que favoreça o desinvolvimento da agricultura e criação de instituções economicas tendentes a melhorar a sorte do operario; 6.º Eleição, para todos os cargos, de candidatos catholicos,

A peregrinação à Terra Sancta, hoje a caminho do Oriente, foi mais numerosa ainda que a do anno ultimo. São 400 peregrinos, entre os quaes se contam dois distinctos prelados, Monsenhor Dénéchau e Monsenhor Koppès, bispo de Luxemburgo.

Os ultimos telegrammas, publicados nos jornaes francezes, annunciavam a chegada ao Cairo, a visita aos logares outr'ora habitados pela Sagrada Familia, à arvore de Mataryeh, à ilha onde foi exposto Moyses, à mesquita das Mil-Columns, e a outros logares merecedores de attenção e estudo.

Como se sabe, ha muito estão as procissões prohibidas pelo governo impio da França. Os catholicos porém reclamam, com justiça, a liberdade d'estes actos magestosos do culto externo, e teem enviado ao presidente da republica petições energicas n'este sentido.

*Italia.*—S. Sanctidade, solicito sempre em prégar a cruzada coutra o mal, nas audiencias a que admittiu os prelados de Amiens e Montpellier, de novo recommendou união estreita e pratica de todos catholicos francezes, independente e superior aos partidos, para trabalharem de commum accordo na defesa dos interesses religiosos e sociaes. *O que importa, sobretudo, é que em nenhum caso, as sympathias, os sentimentos pessoases, as tradições mesmo de fidelidade a uma causa politica embarace ou paralyse a acção dos catholicos, com prejuizo dos interesses religiosos e da causa social, cuja salvaguarda, conformemente ao que se chama hierarchia dos deveres, ha de sempre levar preferencia a todas as demais questões.*

Estas palavras merecem andar bem gravadas na mente e no coração dos catholicos, para que no momento dado saibam mostrar-se bons filhos da Egreja por seus actos plenamente harmonizados com os desejos do Sancto Padre.

Está concluida a ultima Encyclica sobre a questão social e será publicada no principio de maio. E' considerada como uma das melhores, ou a melhor, do venerando Pontífice.

O centenario de S. Gregorio Magno, cujo pontificado tanto se assimilha ao do immortal Leão XIII, foi celebrado com o maior esplendor, deixando essas notaveis festividades gratissima impressão em todos os espiritos.

O cardeal Sanfelice, arcebispo de Napoles, recebido pelo Sancto Padre, apresentou-lhe a offerenda de seus diocesanos para o dinheiro de S. Pedro.

## Noticias

*Uma visita d Costa-Sul da ilha de*

*Timor.*—Escreve-nos um amigo do Progresso:

Na alegre e consoladora visita que fiz, no anno passado, aos christãos da contra-costa da ilha de Timor, uma cousa notei, que muito me fez chorar o coração de saudades do passado.

Feliz tempo aquelle! Ha um seculo e tanto, quando os portuguezes, disseminados por estas longinquas regiões do alto oriente, traziam comsigo a familia, os piedosos costumes, as santas e veneraveis tradições dos seus maiores, e vinham, mar em fóra, procurar meios de vida com o commercio honrado e honesto, o que faziam? Eram os primeiros a cumprir os preceitos da religião, os primeiros a confessar-se cada anno, os primeiros a resar o seu terço à noite em familia; e sempre se estabeleciam junto ao presbyterio, ou perto d'algum convento, onde moravam os frades, onde havia o fogo sagrado da Fé, onde refulgia a caridade e scintillava a Esperança, onde, em summa, havia Deus para a Alma, crença para o coração e um cantinho de terra de benção, onde fossem repousar os seus corpos, no dia supremo, depois do grande combate da vida.

Ah! Como era bello e sublime aquelle viver de familia, aquelle repousar descuidoso d'anjos, o sonhar innocente de justos e o acordar tranquillo de quem olha a vida sómente como meio ou passagem para a patria em que nos espera a felicidade!...

A familia assim é um simulacro do Ceu, uma imagem do Paraizo antes do peccado, uma canção celestial, uma harmonia d'anjos, um hymno de louvores ao Creador do Universo!... E eu vi, no interior da ilha de Timor, um d'estes logares abençoados pelo Ceu, um d'estes édens, uma d'estas estancias felizes, onde viviam almas que começaram já a entoar no mundo aquelle cantico divinal de amor que depois prolongarão pela eternidade além...

Depois de longa visita aos christãos dos reinos de Barique, Samoro, Clácoco, Bibicuçu, Allas, Bibico, Dotic e Luca, depois d'esta dóce peregrinação, que nos deixou o coração embalsamado da fragrante lembrança da celestial patria, lembrando-nos que com a graça do bom Deus algumas almas encaminhamos para o Ceu, alguns anjos mandámos á doce patria do amor e da felicidade e outras mais arrancámos ás garras negras e aduncas de Satanaz, viemos, em seguida, a entrar em Viqueque, reino limítrophe de Luca, Bibilute e Barique.

Aqui, para contrabalançar uma certa fadiga d'animo, causada pela má vontade do chefe d'este reino, subimos á pequena aldeia de Camelitur, onde reside actualmente um dos mais notaveis principaes do reino—D. José, por nome.

Ah! Que logar este!... Ao ouvir-se dizer que habitaram alli portuguezes, que existiram alli familias vindas do extremo occidente; ao examinarem-se aquellos livros religiosos, aquellos rosarios, aquellos moveis todos modestos, aquellas cartas que dão a conhecer os habitos dos nossos patricios—o bom povo portuguez—não sei o que se sentia... Existe ainda alli uma renque de laranjeiras annosas, cercando toda a aldeia de Camelitur, e ha um não sei quê, que alli nos attrahe, por ter sido pisado aquelle chão por portuguezes, por irmãos, por vizinhos, quem sabe se por nossos proprios parentes!... Mais em cima, n'um planalto elevadissimo, de grandioso panorama, d'onde se descobre o mar *homem e mulher*, que assim chamam os naturaes ao mar da costa este e oeste da ilha, (querendo d'este modo significar a sua menor ou maior bravura) encontra-se uma capellinha antiquissima, cheia de imagens, já muito desfeitas, e desfiguradas pelo tempo, onde tambem se encontrou um pequeno e singelo calix para o sacrificio, uma concha de cobre para a administração do Sagrado Baptismo, uns copos, de porcellana, como se uzavam outr'ora em Portugal, um ritual, um pequeno missal, livros de orações, e eis tudo. Aqui está o rico patrimonio de tres pobres missionarios frades, que antes habitavam a povoação dita Fato-róhan—visinha d'uma outra povoação importante, denominada Ai-sáhe.

E aqui acabaram, ignorados e esquecidos do mundo, estes pobres sacerdotes, tendo passado a sua vida no improbo labôr de arrotear estas selvas, ensinar estes pobres povos sertanejos, levando a luz a estes cerebros tão escuros, tão faltos de luz, de orientação e vitalidade moral...

Salve! sacerdotes de Deus, ministros do Senhor, salvadores dos povos, sentinellas da vida, guias das gentes, que, ainda mesmo no sertão e no canto mais esquecido e humilde do mundo, vos encontro, e vos levantais sorridentes, exclamando aos povos—Para o Ceu! Ide todos para o Ceu, mas o caminho só pode ser este!...

Foi grande a alegria que tivemos de visitar este antigo e respeitavel logar habitado pelos frades, e, depois de orar pelo eterno descanso e felicidade d'estes nossos precursores, que nos tomaram o passo na evangelisação d'estes povos, dirigimo-nos para Carau-balum, onde o missionario vigario d'alli nos obsequiou e tratou tão bem, que não podemos deixar d'aqui lhe dar testemunho do nosso sincero reconhecimento e sympathia.

Dilli 20 de fevereiro de 1891.

A. \*\*\*



merito Despaux, professor conceituado e official da Academia. Excellente christão, havia encetado a carreira ecclesiastica, d'onde se viu desviado por obstáculos que não pôde vencer. Nem por isso deixou porém de ser um trabalhador incançavel no campo de Deus, pois além de prestar seu auxilio a toda a obra christã, concorreu eficazmente para a ordenação de trinta e seis sacerdotes, a cujas orações se encommendou na hora de sua morte.

Falleceu o general francez Appert, heróe em tantas batalhas, mas heróe christão, como Sonis, Courbet, Bugeaud, Audigné, Butet, Cécille e tantos outros. As glorias militares não lhe fizeram esquecer a maior de todas—a de ser soldado de Christo. «Deixa a seus filhos, diz o *Monde*, a memoria d'um homem que soube cumprir seus deveres sem ostentação nem ruido, mas com toda a sinceridade nascida de profundas convicções».

*Ainda conversões.*—A princeza Isabel de Hesse e a princeza Sophia da Prussia, nascidas na heresia lutherana, estão em vespéras de entrar no gremio da Egreja catholica.

*A Egreja é fecunda.*—S. em.<sup>a</sup> o cardeal Lavigerie, instituidor dos missionarios do Sahará, fundou em Biskra uma casa de monges soldados, sujeitos a regra, como os cavalleiros de Malta, e destinados a proteger a empreza gigantesca da libertação dos escravos. No numero d'estes heroicos paladinos, chamados *Freires armados do Sahará*, teem vindo alistar-se pessoas das mais elevadas posições sociaes.

A estas horas o capitão Joubert, incumbido de velar pelas missões do Tanganika, de continuo perturbadas por assaltos de traficantes e vagabundos, está operando alli verdadeiros prodigios de valor em beneficio da causa antiscravatista. Em breve ir-se-lhe-á reunir o tenente belga Jacques, á frente d'um troço de valentes, que devem sair do porto de Hamburgo no dia 28 do corrente, convenientemente fornecidos de armas e bagagens.

Vê-se que na Egreja ha sempre vida, sempre coragem para os commettimentos heroicos.

*O Liberalismo abarca o mundo.* Em Madagascar lavra sensível desgosto

pelos esforços que se fazem para expulsar dos hospitaes as Irmãs de Caridade. Para o mal todos os passaportes, para o bem todas as repressões.

*Exemplo a seguir.*—Está em Paris o sr. Mercier, ministro do Canadá e catholico fervoroso. Por toda a parte recebido com a atenção peculiar do povo francez, tem sido notado pelo desassombro com que manifesta aos politicos degenerados do velho mundo a nobreza de suas crenças. N'um banquete, onde a maioria dos convidados era composta de *livres-pensadores*, Mercier levanta-se, solemne e grave, e brinda em phrases calorosas e eloquentes, a Carnot? á Republica? ao Progresso?... Não, senhores. Mercier brindou ao clero francez, e os convivas athéos, com vontade ou sem ella, tiveram de acompanhar para não serem réos d'uma grosseria. Viva o catholico ministro!

Abril 30.

F.

#### Conclusão do resultado das Peregrinações Espirituaes a Nossa Senhora de Lourdes

Transporte do n.º 3 .....	378\$910
D. Carlota de Mattos Mascarenhas .....	11\$910
D. Balbina Joaquina de Souza Guimarães .....	150
D. Clementina da Silva Pereira Villaca .....	5\$560
Dona M. da C. V. N. ....	3\$140
Total Rs. ....	400\$000

## VARIÉDADES

### O segredo da confissão

EM novembro de 64, um tal Roberto Dubois, irmão d'um sacerdote de Autun (França), compareceu perante o tribunal judicial, como réo de assassinato e roubo contra Luiz Vion e sua mulher, velhos moradores do sitio. Depois de larga discussão, foi Roberto Dubois condemnado a prisão por toda a vida, visto não haver plena evidencia do facto para ser condemnado á morte. Em quanto corriam os debates do processo, o sacerdote irmão de Roberto foi procurado por um sujeito que

pretendia confessar-se, e na confissão veio a saber ser aquelle o auctor do crime imputado a seu irmão!

Vãmente se esforçou por mostrar ao penitente a obrigação e responsabilidade que lhe tocava. Era n'este grande o temor da morte, e estava sua alma tam carregada de culpas, que resolveu apartar o pensamento d'uma justa reparação. Entretanto foi condemnado o supposto réo, que no dia em que tinha de partir para cumprir a sentença, veio passar, cercado de tropa, por baixo da janella d'onde o contemplavam o angustiado irmão e a atribulada mãe, que ao pôr no filho os olhos caiu desmaiada ao peso de tamanha dôr... Dois mezes depois d'esta scena terrível, expirava aquella mãe infeliz, victima d'uma provação superior ás suas forças.

Em janeiro ultimo, (volvidos 27 annos!) foi o padre Dubois chamado por um homem, que posto em extrema miseria, pedia com instancia os ultimos soccorros da religião. O ministro de Deus logo reconheceu o criminoso assassino de Luiz Vion e mulher, que, atormentado de remorsos, quiz antes de morrer declarar publicamente que tinha elle sido o unico auctor d'aquelles delictos.

Elle mesmo dictou e assignou de seu proprio punho uma carta que entregou ao sacerdote, declarando especialmente, para maior demonstração da verdade, todas as circumstancias dos dois homicidios praticados. Poucas horas depois expirava, impetrando em altas vozes, na presença de muitas pessoas que lhe assistiam, perdão de seus grandes peccados.

O sacerdote correu a toda a pressa a apresentar perante os magistrados a carta obtida, e logrou a felicidade de ver seu irmão restituído á liberdade e proclamado innocente.

O digno Padre Dubois, com seu silencio, nada mais fez que dar cumprimento a seu dever. Ninguem poderá comtudo duvidar que semelhante prova, ou outras parecidas a que estão sujeitos todos os confessores, é um sacrificio heroico, cujo desempenho se não pode cumprir sem auxilios valiosos do céu.

Aprendam aqui os detractores do sacerdocio catholico.

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO—NEGRELLOS.

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 52—GUIMARÃES.